



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES/ CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

HELOISA HELENA BANDEIRA DOS SANTOS

ESTIGMA E DESVIO: FATORES OPERANTES DO BULLYING

GUARABIRA-PB
2017

HELOISA HELENA BANDEIRA DOS SANTOS

ESTIGMA E DESVIO: FATORES OPERANTES DO BULLYING

Artigo apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada.

Orientador: Prof. Me. Estevam Dedalus Pereira de Aguiar Mendes.

GUARABIRA
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237e Santos, Heloísa Helena Bandeira dos
Estigma e desvio: [manuscrito] : fatores operantes do bullying
/ Heloisa Helena Bandeira dos Santos. - 2017.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Prof. Me Estevam Dedalus Pereira de Aguiar
Mendes, Departamento de Pedagogia".

1. Bullying. 2. Estigma. 3. Desvio Social. 4. Violência. I.
Título.

21. ed. CDD 371.58

Heloisa Helena Bandeira dos Santos

ESTIGMA E DESVIO: FATORES OPERANTES DO BULLYING


Artigo apresentado ao departamento de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito parcial a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: 26/04/2017.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof^o Me. Estevam Dedalus Pereira de Aguiar Mendes (orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Ma. Sharlene da Silva Bernadino (examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^o. Dr. Diogo Fernandes da Silva (examinador.)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

GUARABIRA
2017

A minha Mãe, Penha Bandeira, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Me. Estevam Dedalus, pela confiança depositada para realização deste trabalho. Por sua paciência. Pelos quase oito meses de convivência do qual me proporcionou um seara de saberes imprescindíveis.

À querida coordenadora do curso de Pedagogia Dr^a. Rita Rocha Cavalcante o quão foi importante pela minha permanência no curso. Pelas suas sábias palavras.

À todos funcionários do campus III.

À instituição por ter oferecido esse passo acadêmico na minha vida.

À minha família pelo incentivo para a conclusão do curso. À Maria da Penha Bandeira, Amanda Helena Bandeira, Havaniele Bandeira Nascimento, Henrique Bandeira (in memorian), Helisânia Bandeira, Herman Bandeira, Hallyne Bandeira e Hellen Bandeira.

À Elias dos Santos, pelo melhor companheiro. Por todas às vezes que me sentia esgotada e me mostrava o contrário. Por sempre estar presente. Obrigada por tudo.

À todos da turma 2007.2 de Pedagogia por descobrimos juntas o sentido de educar. Por todas aquelas noites que surgiam debates sem sentidos, de assuntos tão banais e que dávamos tanta importância. Por todo apoio aos nossos conflitos acadêmicos.

À José Otávio da Silva (in memorian), pelos ensinamentos deixados, que possibilitaram a exercer educação com cidadania. Sempre se fez presente. Mesmo estando no plano celestial, tenho muito carinho. Obrigada por tudo.

Obrigada a todos que de forma direta ou indiretamente fizeram parte dessa formação.

*A banalidade do mal tem a capacidade de transformar o mal em
comum e esconder sua monstruosidade.*

Pâmela Esteves

Sumário

1INTRODUÇÃO.....	9
2 ESTIGMA E BULLYING.....	11
2.1IDENTIDADE PESSOAL E IDENTIDADE SOCIAL	12
3BULLYING: UMA VIOLÊNCIA QUE SE ESTENDE NAS ESCOLAS.....	14
4VIVENCIANDO O BULLYING: UMA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO <i>BULLY</i> DE LEE HIRSCH.....	17
5CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24

ESTIGMA E DESVIO: FATORES OPERANTES DO BULLYING

Heloisa Helena Bandeira dos Santos¹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo compreender o fenômeno do bullying no universo escolar. Tema de grande importância no debate contemporâneo sobre violência entre jovens. Ele parte do pressuposto que o bullying operaria no nível físico e simbólico, diretamente ligado a um processo de estigmatização e desvio social. Com base no documentário de Lee Hirsch, *Bully* (2011), analisa depoimentos de crianças e adolescentes vítimas desse tipo de violência à procura de estabelecer questões reflexivas capazes de delinear suas causas e efeitos. Para isso faz uso das obras de autores como Erving Goffman, Howard Becker, Bernard Charlot, Pâmela Esteves e Cléo Fante.

Palavras-chave: Bullying. Estigma. Desvio Social. Violência.

1 INTRODUÇÃO

Numa sociedade influenciada pela tecnologia, o mercado e valores individualistas, as experiências cotidianas são transformadas de forma rápida, interferindo nos aspectos socioeconômicos, no modo de agir, refletir e comunicar das pessoas. Marx e Engels, grandes intérpretes do nosso tempo, diziam que na modernidade: “tudo que é sólido se desmancha no ar!” A ampla difusão e recriação da tecnologia, a propagação massiva de informações disseminando novos valores e padrões de comportamento – quase sempre difusos e mediados pelo mercado – impõem aos indivíduos uma precariedade na formação de identidades.

Trata-se de um mundo no qual a tradição e antigas formas vínculos comunitários se enfraqueceram, dando lugar a uma fragmentação de grupos sociais, linguagens padrões estéticos e institucionais dos mais diferentes. A adoção de identidades implicaria em tipificações e modelos estereotipados que, em alguns casos, se estabelecem em contraposição a diferenças e diversidades, o que por consequência produziria desrespeito e intolerância social.

Alguns grupos sociais procuram não se submeter a certas determinações sociais. A não adequação a padrões institucionais dominantes impulsionaria reações de intolerância. A falta de aceitação à maneira que o próximo se apresenta na sociedade suscitaria atitude

¹ Aluna de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
helenahelo_band@hotmail.com

desrespeitosas. O não enquadramento a exigências sociais motivariam erroneamente atos de violência. Evidenciados em ambientes de convivência diária como, por exemplo, a escola.

Com certa frequência acompanhamos nos noticiários de televisão práticas violentas entre estudantes; ora com armas, ora associadas ao consumo de substâncias químicas ilícitas ou simples expressão de intolerância às diferenças culturais e de identidade. Com efeitos diretos: discussões, brigas corporais, intimidação verbal, exclusão social, com o propósito de agredir física e moralmente o outro. Essa violência que teria o intuito de humilhar, inferiorizar, macular, desonrar e danificar a autoimagem de indivíduos chamamos de *bullying*.

Compreende-se que o *bullying* pressupõe as diversidades culturais (alteridade) permeadas pela intolerância que tendem a diminuição ao próximo, inferiorizando e humilhando as pessoas que não fazem parte dos padrões comportamentais e estéticos estabelecidos por grupos sociais dominantes. A essas pessoas estigmatizadas cria-se um rótulo de inferioridade comprometendo a integridade física e emocional dos indivíduos e a exclusão social.

Como professora da Rede Pública de Ensino vivenciei, algumas vezes, situações semelhantes. Tais experiências me levaram a buscar recursos para incentivos a não propagação desse fenômeno, por meio de uma educação que priorize a formação de valores éticos e morais, que fortaleça o respeito como meio de aceitação e tolerância ao próximo e às diferenças culturais e sociais. Creio que discussões sobre o *bullying* no ambiente acadêmico a fim de evidenciar a lacuna existente, que possivelmente pode ser presenciada pelos futuros docentes, se faz urgente e necessária. A falta de conhecimento tende a realimentar situações intolerância no ambiente escolar e impedir a sua solução.

Este artigo oferece uma problematização do conceito de estigma a partir de Erving Goffman (2004) e das ideias de Howard Becker(2008) sobre desvio. Autores como Bernard Charlot (2002), Esteves (2015), Fante(2012) também são importantes para compreensão do *bullying* e do fenômeno da violência escolar. A segunda parte do trabalho propõe uma análise do documentário *Bully* (2011) de Lee Hirsch. Gravado em algumas cidades dos Estados Unidos, o filme revive a experiências de jovens que conviveram com o processo de estigmatização e *bullying*.

Outra ideia desenvolvida nesse trabalho é a de que o *bullying* opera em dois níveis de violência: simbólica e física. Como veremos, os alvos de *bullying* costumam ser indivíduos vulneráveis socialmente ou estigmatizados. A violência permitiria, em contrapartida, que

indivíduos legitimassem identidades e privilégios com base em atos de violência. Por fim, o artigo aponta motivo que levam ao *bullying* e suas consequências no meio escolar; compreende-se como o modo que pessoas agem e pensam se entrelaçam à hegemonia social e suas práticas preconceituosas.

2 ESTIGMA E BULLYING

De acordo com Goffman (2004), o termo estigma foi usado na Grécia Antiga como referência a pessoas marcadas corporalmente para evidenciar algo que considerassem mirabolante, esquisito, anômalo. Para os gregos, portanto, a palavra estigma relacionava-se aos sinais corporais que evidenciavam alguma característica negativa moral. Na Grécia as pessoas estigmatizadas tinham os corpos literalmente marcados com fogo ou cortes, uma evidência indelével de seu comportamento desviante.

De modo geral, o estigma está baseado numa característica negativa que afeta a imagem de grupos ou categorias sociais. As diferenças dos estigmatizados são desvalorizadas, influenciando de forma negativa a vida dessas pessoas. É uma característica comum aos grupos sociais a criação de regras e critérios específicos de virtude e desonra, compartilhem noções estéticas de beleza e feiura, certo e errado, de normal e anormal.

A partir dessa afirmação pressupõe-se que as pessoas se enquadrem em um padrão social determinado e assim ser aceitos nos grupos sociais. Goffman reforça essa ideia de que “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso, nem desonroso”. (GOFFMAN, 2004, p.6) Mediante esse pressuposto as pessoas que não fazem parte desse processo social são estigmatizadas como forma de reforçar a própria condição imposta por determinantes sociais. Assim as pessoas que não atendem a tais atributos, são definidas e classificadas como inferiores, afetando os aspectos físicos, mentais, intelectuais, e, sobretudo, morais dos indivíduos.

Para Goffman (2004) atributos indesejados são considerados estigmas:

Nem todos atributos indesejáveis estão em questão, mas somente o que são incongruentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo. O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso é uma linguagem de relações e não de atributos. (GOFFMAN, 2004 p. 6)

O estigma acentua-se quando as diferenças são expostas entre o real e as formas estereotipadas de atributos que são exigidas pela sociedade. Surgindo assim as consequências do indivíduo não se sentir igual, não se reconhecendo capaz em suas relações sociais,

tornando-se passivo, inseguro e desvalorizado na vida cotidiana. Nesse momento, subentende-se que as pessoas estigmatizadas deixam de ser vistas na sua integridade passando por um processo de destituição, sem recursos morais, incapacitados pelos grupos sociais determinantes. Sendo assim o sujeito mantém um distanciamento da sociedade devido à pecha de desacreditado. A sua própria condição de humano é colocada em dúvida.

Segundo Goffman (2004), mediante o conceito de identidade social e pessoal a condição de desacreditado e desacreditável dos estigmatizados se dá a partir de suas relações na sociedade:

Quando há uma discrepância entre identidade social real de um indivíduo e sua identidade virtual, é possível que nós normais tenhamos conhecimento desse fato antes de entrarmos em contato com ele ou, então que essa discrepância se torne evidente no momento em que ele é nos apresentado. Esse indivíduo é uma pessoa desacreditada (GOFFMAN, 2004, p. 38).

Pode-se concluir que os desacreditados são pessoas estigmatizadas e que suas características a distingue das demais, já são conhecidas ou são rapidamente notórias e visíveis no convívio social. O desacreditável, por sua vez, é o desacreditado em potência porque as características que definiriam o seu estigma não estão evidentes.²

Determinados estigmas são imediatamente perceptíveis. Podemos tomar como exemplo os deficientes visuais. Assim para Goffman (2004) a visibilidade diferencia-se nos seguintes pontos “a possibilidade de conhecimento, a intrusibilidade e o foco de percepção”. (GOFFMAN, 2004, p.45). Uma explicação a respeito disso é a reprodução da desigualdade social na qual o estigma proporciona a uma violência simbólica. A relação entre visibilidade e estigma no âmbito social são fatores importantes na reprodução da desigualdade.

2.1 IDENTIDADE PESSOAL E IDENTIDADE SOCIAL

A identidade pessoal e identidade social determinam a localização dos indivíduos no mundo. A influência que o indivíduo estigmatizado sofre, afeta o modo de como se comportam, sua autoestima e prestígio social. A autopercepção é influenciada diretamente pela maneira como os outros nos enxergam. De forma que a situação pode apresentar reações positivas ou negativas ao indivíduo dependendo da forma de interação. O indivíduo tende a se enxergar exatamente da maneira que os outros o veem, provocando nele uma visão negativa em relação à própria imagem. Nesse processo o indivíduo se esforça para construir uma imagem positiva de si a fim de ser estimado.

² É o caso de um ex-presidiário que frequenta uma sala de aula, mas ninguém tem conhecimento do seu passado.

A identidade pessoal assim como a identidade social estabelece uma separação para o indivíduo, no mundo individual das outras pessoas. A divisão ocorre em primeiro lugar, entre os que conhecem e os que não conhecem. Os que conhecem são aqueles que têm uma identificação pessoal do indivíduo; eles só precisam vê-lo ou ouvir o seu nome para trazer a cena essa informação. Os que não conhecem são aqueles para quem o indivíduo é um perfeito estranho, alguém cuja biografia pessoal não foi iniciada. (GOFFMAN, 2004, p.59)

A identidade está interligada a múltiplas circunstâncias sociais. O indivíduo desacreditado enfrenta diariamente restrições e se confronta com restrições em relação à aceitação social. Para contornar tais dificuldades eles usam técnicas para esconder “defeitos”, como meio de camuflar informações inegáveis sobre si, ou seja, utilizando estratégias de encobrimento dos signos de seu estigma.

Segundo Goffman (2004), o encobrimento refere-se a “dois extremos, onde ninguém conhece o estigma e onde todos o conhecem” (GOFFMAN, 2004, p.65). E essas são possíveis relações de um indivíduo estigmatizado com as demais pessoas com as quais ele se relaciona. Dessa forma, as pessoas encobrem seus estigmas dependendo do ambiente social que se encontram.

Há estigmas importantes, como os das prostitutas, homossexuais, mendigos e viciados em drogas, que exigem que um indivíduo seja cuidadosamente reservado em relação ao seu defeito com uma classe de pessoas, a polícia, ao mesmo tempo em que se expõe sistematicamente a outras classes, ou seja, clientes, cúmplices, contatos, receptadores de objetos roubados e etc. (GOFFMAN, 2004, p.65).

O estigma aparente, portanto, poder ser camuflado. O desejo de querer ser “normal” (rotulação social) implica na necessidade de haver encobrimento a fim de não evidenciar o estigma a estranhos. Consequentemente, esses mesmos sujeitos que encobrem suas identidades pessoais em determinados ambientes, reafirmam mediante contatos com suas relações íntimas – outro nível de enquadramento social – paralelas aos seus estigmas.

Becker (2008) argumenta em sua obra *Outsiders* que indivíduos que violam normas sociais determinadas por alguns grupos são considerados outsider. “Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipulada pelo grupo”. (BECKER, 2008, p.15).

As ações ou comportamentos definidos como errados dependem de como operam as regras nos grupos sociais e como se enquadram nos aspectos: políticos, culturais, religiosos e entre outros.

Venho usando o termo “outsiders” para designar aquelas pessoas que são consideradas desviantes por outras, situando-se por isso fora do círculo dos membros “normais” do grupo. Mas o termo contém um segundo significado, cuja análise leva a um outro importante conjunto de problemas sociais: “outsiders”, do

ponto de vista da pessoa rotulada de desviante, podem ser aquelas que fazem as regras de cuja violação ela foi considerada culpada. (BECKER, 2008, p. 27)

Podemos dizer que alguns grupos sociais criam suas próprias regras e estas vão se chocar com a conduta de indivíduos. Nas escolas alguns grupos de estudantes rotulam seus pares por não estarem dentro de critérios estabelecidos de “normalidade”. No qual alguns grupos de estudantes determinam o rótulo distinguindo e estigmatizando o indivíduo rotulado. Como o que acontece com os alunos com deficiências físicas.

Nesse processo de rotulação os padrões e valores de determinados grupos sociais são usados categoricamente aos indivíduos de forma positiva ou nociva. O estigma estabelece uma justificção para condenação moral, por evidenciar que o indivíduo não atende aos padrões de comportamentos dominantes. O rótulo negativo funcionaria como uma causa necessária no *bullying*. Um pressuposto para o processo de exclusão. A lógica do “Patinho Feio”.

3 BULLYING: UMA VIOLÊNCIA QUE SE ESTENDE NAS ESCOLAS.

A violência nas escolas e o fenômeno do *bullying* atravessam os séculos anteriores. Não é somente um fato pertencente á sociedade contemporânea. O sociólogo francês Bernard Charlot (2002) menciona que “se a violência na escola não é um fenômeno radicalmente novo, ela assume formas que estas sim, são novas” (CHARLOT, 2002, p. 432).

É preciso considerar que as mudanças históricas interferem na maneira como a violência é operada e percebida. Na contemporaneidade muitos grupos sociais buscam conquistar seus direitos denunciando formas de opressão e violência simbólica. O processo de modernização das sociedades levou à reconsideração e à quebra de dogmas impostos pela sociedade em tempos mais distantes. A escola também se entrega a esse padrão de modernização e com isso os indivíduos buscam constantemente ser reconhecidos e suas expressões valorizadas. A autora Pâmela Esteves em *Bullying: Uma Violência Que Desafia a Escola* (2015) afirma que:

Tem como objetivo principal compreender a problemática do (não) reconhecimento no ambiente escolar. Defendemos a premissa que na escola os estudantes lutam cotidianamente para serem reconhecidos e aceitos por seus pares. Na maioria das vezes o bullying acontece quando um estudante não é reconhecido por ser “diferente”. Por isso a intolerância à diferença vem se tornando um dos maiores desafios para as escolas atuais. (ESTEVES, 2015, p. 3)

Através de pesquisas realizadas em escolas de subúrbios, Charlot (2002), afirma que surgiram formas de violência muito mais graves que outrora. É como se não existissem mais

limitações nos casos de violência nas escolas. A falta de respeito aos professores, os insultos, as agressões de forma verbal e física ocorrem de forma cotidiana e corriqueira, os limites parecem ter sido ultrapassados.

Segundo Charlot(2002), os fenômenos de violência nas escolas ocorrem mais precocemente, ou seja, com alunos de pré-escolar, desfazendo os conceitos de inocência e candura existentes nas crianças de quatros anos, e o comportamento sendo corrompido por atos de violência³. Por conseguinte constata-se através de noticiários de TV e redes sociais, a intrusão à escola, onde alguns jovens invadem a instituição para fazer “acertos de conta”, provindos de conflitos gerados na comunidade, e na maioria das vezes são parentes ou amigos dos alunos que sofrem determinados tipos de violência como uma forma de retribuir negativamente a mesma ação, deixando assim a escola suscetível às agressões vindas de fora.

E essa violência escolar parece aumentar apesar dos planos e medidas postos em prática há uma dezena de anos: tudo se passa como se a violência na escola estivesse convertendo-se em um fenômeno estrutural e não mais, acidental e como se, depois de instalada nas escolas de bairros problemáticos, ela se estende a outros estabelecimentos. (CHARLOT, 2002, p. 434)

Charlot (2002), considera esses fatores de violência como fontes de “angústia social”⁴, produzindo aos docentes e discentes, à administração da escola um estado de ameaça e receio permanente.

Desde a década de 1970, estudos sobre o *bullying* foram iniciados em consequência às práticas violentas nas escolas incentivadas por eventos trágicos. Compreende-se o *bullying* como comportamento de violência fundamentado e condicionado pelas diversidades culturais podendo-se assemelhar a ocorrências violentas e não específico nas escolas⁵. O fenômeno *bullying* começou a ser estudado na década de 1970 na Suécia e a partir de 1990 na Noruega, o professor Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, “começou a investigar o assunto a partir dos casos de suicídios ocorridos entre adolescentes que sofriam agressões na escola” (ESTEVES, 2015, p. 05). E a partir dos resultados, Olweus (1999), considera que um estudante está sendo vitimado, quando é exposto repetidamente e por um tempo prolongado, a ações negativas por parte de um ou mais estudantes.

As seis características estabelecidas por Olweus (1978) como específicos do bullying são: ações repetitivas contra a mesma vítima; agressões num período prolongado de tempo, desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima; dificuldade da vítima em se defender; ausência aparente de motivos que justifiquem os ataques; atos de violência ocorridos entre pares”. (Esteves, 2015, p.6).

³ CHARLOT, A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão, 2002, p.433

⁴ Ibidem

⁵ ESTEVES, Bullying: uma violência que desafia a escola, 2015, p. 05

Considera-se o *bullying* como uma prática desrespeitosa que objetiva inferiorizar, abater, humilhar o seu par. Os meios que levam a essa prática são os mais diversos e que se opera em dois níveis: o nível simbólico e o nível físico.

As manifestações de violência dentro da escola perpetuam de forma elevada e se expressam no meio escolar por meio de atitudes preconceituosas, intolerantes, discriminatórias e repressivas, atingindo altos graus de agressões, sejam elas físicas ou verbais. Nos casos de *bullying* as ameaças são feitas constantemente pelo agressor, sempre com a mesma vítima, afetando a integridade física, psíquica e emocional dos indivíduos.

Os casos de *bullying* mais discutidos geram em torno da violência física, mas na mesma proporção deve-se dar o mesmo grau de importância a violência simbólica, que talvez seja tão violenta quanto à física, influenciando o comportamento da vítima. Dessa forma, ocasiona danos morais e psicológicos, ainda que não haja coação física, no qual o estigma lançado à vítima atinge negativamente a sua identidade. Esse processo é realimentado por meio de palavrões, ameaças, apelidos, xingamentos, pressão psicológica e outros.

O conceito sobre violência simbólica foi criado pelo pensador francês, Pierre Bourdieu para deprever um dos processos pelos quais ela que domina economicamente, impor sua cultura aos dominados. Bourdieu (1998), juntamente com o sociólogo Jean Claude Passeron, parte do princípio de que a cultura ou o sistema simbólico, é arbitrária, uma vez que não se assenta numa realidade dada como natural. (CEZAR, PASSOS, 2008, p. 71).

Em torno dessa descrição relacionando ao bullying, pode-se afirmar que as suas causas são diversas e tem haver com a vivência familiar, no ambiente em que está inserido, o uso do poder para pressionar, atemorizar ou constranger o outro. Esse tipo de situação é sistemática e recorrente na convivência escolar, sobretudo, no universo dos adolescentes. Nesse contexto, não se descarta que crianças a partir dos quatro anos de idade já cometem práticas violentas e intencionais⁶. No nível físico, as agressões se determinam de modo preciso onde o contato físico é direto entre a vítima e o agressor de maneira repetitiva. Em alguns casos extremos, o *bullying* chega a afetar o estado emocional do indivíduo de tal maneira que ele opte por situações trágicas, como o suicídio.

Com base nessas referências, as escolas enquanto tomadas por aspectos que a invadem tais como práticas de *bullying*, ela toma o rumo controverso a sua verdadeira função, pelo fato de reprodução da violência, tornando-se vítima como também a responsável nesse processo evolutivo da violência não estabelecendo meios que solucione ou amenize a situação.

⁶ CHARLOT, A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão, 2002, p.433

Uma pesquisa realizada pela Revista *Nova Escola* (2009), revelou que um dos motivos que levam estudantes a praticarem o *bullying* é busca pela popularidade. Sentir-se poderoso e obter uma boa imagem de si mesmo são motores importantes. Tudo isso leva o autor do *bullying* a atingir seu par com repetidas humilhações ou depreciações. E assim considerando o agressor, uma pessoa que não aprendeu a transformar sua raiva em diálogo. O sofrimento do outro não é motivo para ele deixar de agir. Pelo contrário, sente-se satisfeito com a opressão do agredido supondo ou antecipando a crueldade vivida pela vítima. O que revelaria uma personalidade autoritária e sádica.

As vítimas de *bullying*, por sua vez, costumam ser pessoas vulneráveis socialmente, com baixa autoestima, retraído tanto na escola quanto no lar. O estigma leva uma situação de descrédito do social e desumanização, que engendraria práticas de violência. Elas muitas vezes não reagem às agressões sofridas, o que favorece a repetição do *bullying*.

Porém, essas práticas violentas que ocorrem nas escolas demonstram uma grande preocupação por parte do corpo docente, que buscam por soluções na pedagogia, tentando por em prática projetos que suscitem nos alunos valores morais e éticos que foram postergados e ignorados por classes sociais, comprometendo de forma negativa as peculiaridades da educação nas instituições de ensino.

4 VIVENCIANDO O BULLYING: UMA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO *BULLY* DE LEE HISRCH

O documentário chamado *Bully* (2011) dirigido por Lee Hirsch, foi gravado nos anos de 2009 a 2010 em algumas cidades dos Estados Unidos em escolas do Texas e Oklahoma. Voltado para revelações de crianças e adolescentes, o documentário retrata histórias de jovens e crianças norte americanos traumatizados por sofrerem *bullying* no âmbito escolar, conviveram com o processo de estigmatização, violência simbólica e agressões sistemáticas. Um dos pontos-chaves desse artigo é pensar o documentário com base na relação estigma, desvio e *bullying* numa perspectiva sociológica.

A sociedade estabelece normas comportamentais e estéticas, de modo a exercer controle social e criar marcadores sociais de distinção. É comum que indivíduos que se desviem das normas sejam estigmatizados. Durante as filmagens do documentário o diretor registrou momentos de angústia, sofrimentos, xingamentos e agressões físicas. E além de outros problemas como o *bullying*, o preconceito das pessoas.

A situação especial do estigmatizado é que a sociedade lhe diz que ele é membro do grupo mais amplo, o que significa que é um ser humano normal, mas também, que ele é, até certo ponto, “diferente”, e que seria absurdo negar essa diferença. A diferença em si, deriva da sociedade porque em geral, antes que uma diferença seja importante, ela deva ser coletivamente conceptualizada pela sociedade como um todo. (GOFFMAN, 2004 p.106)

Mediante esse pressuposto as pessoas que não fazem parte desse processo social – de normalidade – são estigmatizadas como forma de reforçar a própria condição imposta por determinantes sociais. Assim, as pessoas que não atendem a atributos, são definidas e estabelecidas a categorias classificadas como inferiores, seja fisicamente, mentalmente e intelectualmente.

Ao analisar narrativas do documentário, centrado nos cinco personagens ao longo de um ano escolar que tiveram suas vidas ameaçadas pelo *bullying*, revelando este fenômeno que transcende fronteiras geográficas, raciais, étnicas e econômicas. O filme equipara-se com decorrências e sequelas ocasionadas pelo *bullying* com situações desastrosas e fatais.

Durante as gravações do documentário verifica-se um movimento crescente entre pais e jovens com o intuito de modificar as incidências de *bullying*, conscientizando as pessoas da gravidade desse fenômeno, buscando formas de como lidar nas escolas e em todo âmbito social. O diretor do documentário acompanhou estudantes de escolas públicas na Geórgia, Texas, Mississippi e Oklahoma durante o ano escolar 2009 – 2010, no qual o foco do filme foi enfatizar com mais detalhes as causas e consequências das práticas do *bullying*.

A narrativa do documentário inicia com o pai de Tyler, garoto que cometeu suicídio aos 17 anos, ao defrontar com situações agressivas dentro ambiente escolar. As torturas psicológicas se davam por meio de incentivos dos outros garotos que o reprimia, ao mesmo tempo pediam que tirasse sua própria vida. A não aceitação das diferenças seja ela física, religiosa, peso, cor dos cabelos, estatura, força, coragem, dimensões de habilidades, ou seja, qualquer circunstância ou regra não considerada semelhante ao ponto de vista as do agressor transforma-se em atos de violência.

Não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças que sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que os leva no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização. (ESTEVEES apud CONSTANTINI, 2015, p.5)

Nesse caso Tyler, enquadrado em um modelo de rotulação social por manter-se, ou sentir-se “inferior” aos seus colegas. Sofria agressões de forma oculta, não revelava por ser ameaçado pelo agressor do *bullying*, era subordinado aos maus tratos, tornando-se vulnerável a qualquer prática violenta, motivando-o a cometer o suicídio.

O mesmo final trágico ocorreu com Ty Field aos 11 anos, os abusos físicos e as torturas psicológicas executados na escola levou-o tirar a própria vida. Em relato do seu amigo Trey Wallace, confirma que Ty Field sofria as torturas do *bullying*. Revoltados com o acontecimento, os pais de Ty, revelam que o *bullying* é algo desconstituído de informações a cerca do tratamento que poderia ser dado, gerando fatos trágicos em casos de omissão, um número a mais nas estatísticas.

Mediante casos repetidos de suicídio entre alunos, no qual o pai de Ty tomou conhecimento a partir de pesquisas em redes sociais, ele teve a iniciativa de promover manifestações corpo a corpo em honra às crianças e adolescentes que tiraram suas vidas em consequência de *bullying*. Durante a trajetória foram abordados valores éticos e morais com o objetivo de consolidar o respeito entre os jovens, exibindo fatos verídicos das pessoas que tiraram suas vidas em consequência do *bullying*.

Na tentativa de compreender o que motiva as práticas de *bullying*, que além de ser um tipo de violência que exclui pessoas “diferentes” na normalidade de ser seres humanos, Pâmela Esteves aposta nas contribuições de Arendt (1999) com seu estudo sobre a “banalidade do mal”.

O mal investigado por Arendt (1999) não é oriundo de nenhum tipo de vingança, ódio, retaliação ou represália. Por isso buscamos entender se há uma relação entre esse tipo de “mal sem raízes”, descrito por Arendt (1999) e o comportamento bullying. (ESTEVEVES, 2015, p.11)

Os autores do bullying procuram vítimas mais frágeis, mais vulneráveis, conserva em sua personalidade características de maldade e desrespeito, sendo ligadas a uma liderança ameaçadora que é atribuída por meios violentos sejam físicos ou psicológicos, como forma de demonstrar poder.

Outro fator que deve ser considerado ao tipificar uma ação como o bullying é a ausência de motivos que justifiquem o ato. Isso pressupõe que a vítima nada faz para ser atacada, o que denota a gratuidade do ato. O bullying tem como marca constitutiva o desrespeito, a intolerância e o preconceito. (FANTE, 2012 , p. 2)

Casos semelhantes ocorrem diariamente nas escolas públicas ou privadas, expressões de violência como a discriminação e o preconceito são fatores que evidenciam a difusão do bullying, apontado pelo diretor Lee Hisrch, no documentário sobre o caso de Jameya aos 14 anos, moradora no Condado de Yazoo, no Mississippi, foram registrados decorrências de agressões morais e psicológicas, no qual conduziu a adolescente ter uma atitude violenta diante das agressões sofridas.

Jameya se apropriou da arma de sua mãe, levando-a a crer que ao ser vista com uma arma em punho, os agressores de *bullying* cessariam os insultos. Esse fato resultou na apreensão de Jameya em uma detenção juvenil. Teve um enquadramento tanto radical onde o xerife local a indiciou em 45 tentativas de assassinatos, considerado pela sua mãe uma pena rigorosa, pelo fato de Jameya ser uma menina negra.

Há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. Em todos esses exemplos de estigma, entretanto, inclusive aqueles que os gregos tinham em mente, encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (GOFFMAN, 2004, p.7)

Diariamente Jameya era atacada dentro do ônibus escolar com palavrões, xingamentos e torturas psicológicas. Um estigma fora lançado a ela pelos agressores do *bullying*, com o propósito de intimidá-la e mostrar-lhe superioridade imposta por atitudes violentas, a fim de manter uma distância social, suscitando em Jameya sintomas de inferioridade. Sua vida escolar foi transformada num pesadelo. Ao tentar reverter essa situação a adolescente reagiu de forma desesperada e violenta com o intuito de solucionar os conflitos gerados pelos agressores do *bullying*.

Segundo Becker (2008), a sociedade busca impor regras em certas situações. As regras delimitam os comportamentos julgando-as, certas ou erradas. Quando essas normas são infringidas por alguns indivíduos, a sociedade lança o olhar estigmatizador a partir de conceitos prévios definindo esse ser como *outsider*. Parafraseando Becker (2008), Outsider é aquele que não se enquadra nas normas dos grupos sociais, que vivem a margem das convenções sociais e determina seu próprio estilo de vida, através de suas crenças e valores.

Lee Hirsch mostra no documentário as várias formas de ocorrência do *bullying*, propagando-se além do espaço escolar, tal como o caso de Kelby, adolescente de 15 anos, expõe a rejeição que a atribuem dentro de uma pequena cidade conservadora nos EUA. Kelby defrontou-se com o preconceito e a discriminação dos moradores da cidade que também se estendia no ambiente escolar, pelo fato de assumir sua sexualidade que foge do padrão da sociedade. A mesma não era aceita pela sua escolha de gênero, sendo vista como um corpo estranho, sofrendo agressões físicas e verbais.

Percebe-se nas narrativas das vítimas do documentário bully algumas características em comum, tolerância às situações de agressões, ocultam os fatos ocorridos. Conseqüentemente as agressões revelam os estigmas de forma que o estigmatizado seja ridicularizados por terceiros, julgam determinadas pessoas terem comportamentos desviantes.

Observa-se com facilidade que diferentes grupos consideram diferentes coisas desviantes. Isso deveria nos alertar para a possibilidade de que a pessoa que faz o julgamento de desvio e o processo pelo qual se chega ao julgamento e a situação em que é feito possam todos estar intimamente envolvidos no fenômeno. (BECKER,2008, p. 17)

Durante o documentário, ao relatar fatos, Kelby, teve sua vida transformada ao mudar-se para uma cidade pequena, o seu “jeito de ser” incomodava as pessoas. Ela relatou que sua opção sexual era rejeitada em todo o âmbito social. Na escola sofria agressões físicas e verbais, seus colegas a xingava e a apelidava de “bixa”, e que não era bem-vinda em qualquer local que frequentasse. Esses fatos se estendiam e nenhuma atitude era tomada para reverter esse quadro. Perante a sociedade Kelby, deveria cumprir os padrões de gênero estabelecidos (mulher/heterossexual). Durante o documentário ela relata que “Talvez haja um lugar onde possa fazer a diferença, demorou um pouco para perceber que não posso mudar tudo de uma vez só. Isso precisará de muitas pessoas de diferentes fases da vida, falando e fazendo a diferença”.

No âmbito escolar, seu professor ressalta o comportamento de Kelby no momento em que ele pede para que os alunos formassem filas de “meninas, meninos e Kelby”. Decorrente do estigma criado para Kelby, percebe-se que essa ação acarreta ao bullying. Dessa forma, Kelby e seu círculo de amizades institui para aquela pequena cidade ao que Becker define de Outsides. A mesma assume um papel de desviante, segundo o protótipo determinado na esfera social. Como Becker (2008) intensifica, “o desvio é entre outras coisas, uma consequência das reações de outros ao ato de uma pessoa, os estudiosos do desvio não podem supor que estão lidando com uma categoria homogênea quando estudam pessoas rotuladas de desviante”. (BECKER, 2008, p.22)

Alex, 12 anos, da cidade de Sioux City é o guia para o desenrolar do documentário. O que fica evidente é o silêncio de Alex em relação as agressões por ele sofrida. Apesar de o documentário tratar do *bullying* dentro do ambiente escolar, o mesmo sofreu grande parte das agressões físicas e psicológicas dentro do ônibus escolar, no qual era constantemente ameaçado e torturado pelos garotos. Esse silêncio é mantido por não receber apoio dentro do próprio ambiente escolar e da sua família. Consequentemente, Alex ao relatar para o seu pai os abusos sofridos dentro do ônibus escolar, lança uma reação contrária do que Alex estava buscando: “como você deixa isso acontecer”? pergunta o seu pai. Logo, o mesmo enxerga a omissão como solução diante dos seus problemas vivenciados nos grupos sociais.

Para BECKER(2008, p.22) “...o desvio é entre outras coisas, uma consequência das reações de outros ao ato de uma pessoa, os estudiosos do desvio não podem supor que estão lidando com uma categoria homogênea quando estudam pessoas rotuladas de desviante”.

Entretanto, deve-se pensar o desvio como consequência de quem produz as regras do termo desviante. O desvio vem da reação da ação produzida pelo outro indivíduo. Lee Rirsch, pode associar o depoimento de Alex, no que se refere à condição de sua estética onde gerou estranhamento, recusa, impedimento, eliminação, silenciamento e invisibilidade social. Alex em um diálogo com sua irmã relata que na escola as pessoas o chamam de “cara de peixe”, “não me importo”. “Fico nervoso ao voltar para escola porque eu gosto de aprender, mas tenho dificuldades em fazer amizades”. No ônibus escolar tenta manter um diálogo com um colega ao lado, mas é surpreendido pelas respostas: “não sou seu amigo”, “vou acabar com você”, “vai morrer sentindo muita dor, arrancarei sua cara, trarei uma faca amanhã”, “vou acabar com você”. Contudo, o comportamento de Alex ressalta a uma reação do agressor sobre o comportamento do mesmo. Portanto, o sentido do termo desvio não é algo homogêneo, pois as reações são produzidas de modo subjetivo. Na verdade os únicos sentimentos que podem ser considerados homogêneos no ser definido como desviante é que “partilham o rótulo e a experiência de serem rotuladas de como desviantes”. (BECKER, 2008, p.22)

Assim sendo, o termo *outsider*, é empregado à indivíduos que infringem as regras sociais fugindo das normas comportamentais e estéticas, criados por grupos que estabelecem supostas regras, ressaltando sobre elas o rótulo de desviante, que sequenciam os estigmas, por não cumprir regimentos sociais e repetição de comportamentos definidos de boa conduta. Quando feita uma interação de fatores como o estigma e o desvio ao documentário *bully* (2011) pressupõe-se que o *bullying* se opera mediante a essas duas categorias de atos de violência, produto do desrespeito e da alteridade cada vez mais refletido pela sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À frente dos estudos, leituras e pesquisas sobre *bullying*, constata-se que é um fenômeno de ordem violenta e ocorre de forma crescente nas instituições de convívio diário. No presente artigo enfatiza a escola como o espaço de objeto de estudo. Esse tipo de violência ocasiona cada vez mais vítimas que são oprimidas pelos agressores, gerando consequências que às vezes são irreversíveis em decorrências aos casos constante de *bullying* nas escolas.

Busca-se meios de prevenção, onde o processo educativo antes exercido pela família, tornou-se uma tarefa quase que exclusiva das escolas.

Em alguns temas tratados durante as pesquisas, indicadores apontam como fatores operantes do *bullying*, o estigma e o desvio. O estigma descrito por Goffman (2004), trata do olhar que é lançado para o outro, e conseqüentemente são julgados por não estarem de acordo com as regras/padrões, impostos pela sociedade e o desvio retratado por Becker (2008), faz referências às pessoas que infringem as normas comportamentais e estéticas ressaltando sobre elas o rótulo de desviante, e como não procedem de acordo com o que é imposto, reputa-se ao termo *outsiders* a partir de estudos da sociologia do desvio e de como essas noções de desvio são empregadas numa forma distinta à pessoas na sociedade, condicionado pela falta de respeito as diversidades, incitando atos violentos, definidos por elementos negativos como o preconceito e a discriminação. Subentende-se ainda que o desvio é resultante das interações entre indivíduos nos grupos sociais, pela não aceitação de determinados comportamentos.

Percebe-se que, lamentavelmente após estudos e análise do documentário Bully (2011), de Lee Hirsch, o *bullying* ainda não é tratado com tamanha importância que deveria. As discussões e os processos para que haja a prevenção desse fenômeno nas escolas, não supre sua decorrência. Entretanto, não é bastante apenas identificar casos de *bullying* sem uma reverberação de forma conjunta entre as instituições de primeira ordem, família e escola com demais setores da sociedade, buscando recursos para prevenir o *bullying* nas escolas, adotando meios educativos emergentes, que reforce ensinamentos voltados para o resgate de valores humanos, objetivando formar indivíduos com potenciais de aceitação e respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard. **Outsiders estudos de sociologias de desvio**. Zahar, 2008.

CATINA, Nilza. **Problematizando o “Bullying” para a realidade Brasileira**. Campinas: PUC, 2004.

CÉZAR, Neura; PASSOS, Dr Luiz Augusto: **Violência simbólica nos rituais legitimadores dos processos escolares – fenômeno bullying no ambiente escolar**. Mato Grosso, 2008.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, 2002.

ELIAS, Nobert. **Os estabelecidos e os Outsiders**. In: revista panorâmica On-line. Barra dos Garças – MT, vol. 18, 2015.

ESTEVES, Pâmela. **Bullying: uma violência que desafia a escola**. In: 39º Encontro Anual da Anpocs, 2015.

FANTE, Cleo. **Bullying no ambiente escolar**. 2012.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 2004.

Revista Nova Escola. **21 perguntas e respostas sobre o Bullying**, 2009.

Os processos de violência simbólica e a orientação educacional. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/os-processos-violencia-simbolica-orientacao-educacional.htm>> Acesso em: 18 Dez 2016.

ABSTRACT

The current article aims to understand the phenomenon of bullying in the school universe. Theme of great importance in the contemporary debate on violence among the youth of today. It starts from the assumption that bullying would operate at the physical and symbolic level, directly linked to a process of stigmatization and social change of direction. Based on the documentary by Lee Hirsch, *Bully* (2011), it analyzes the testimonies of children and teenagers who are victims of this kind of violence, in order to establish reflexive questions capable of outlining their causes and effects. For that it makes use of the works of actors like Erving Goffman, Howard Becker, Bernard Charlot, Pamela Estêves and Cléo Fante.

Keywords: Bullying. Stigma. Social change of direction. Violence.